

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS-INGLÊS**

JOÃO DANIEL LIMA CLARO

A Representação LGBT nas histórias de super-heróis.

São Cristóvão, Sergipe

2021

JOÃO DANIEL LIMA CLARO

A Representação LGBT nas histórias de super-heróis.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, pelo Curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Professor: Vanderlei José Zacchi

São Cristóvão, Sergipe

2021

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a representação do grupo LGBT nas histórias em quadrinho, especificamente no gênero dos super-heróis. Para tanto, as histórias em quadrinhos são entendidas como uma forma de mídia de massa, e o seu poder de influenciar a representação social de um grupo é discutida. Um breve histórico das histórias em quadrinho é apresentado, e a influência do órgão regulatório das publicações das histórias em quadrinho, *Comics Code Authority*, é exposta. A pesquisa ressalta o impacto que esse órgão teve na representação social do grupo LGBT, durante diferentes versões do que era aceito pelas suas diretrizes, e de que forma os autores buscavam se adaptar as regras impostas no que diz respeito à representação LGBT. Por fim, analisamos a trajetória de duas personagens LGBT da franquia *X-Men*, Mística e Sina, que formam o primeiro casal nas histórias em quadrinho a constituir uma família que foge dos padrões heteronormativos através da adoção de uma jovem adolescente. Analisamos a forma como a narrativa das personagens é desenvolvida, entre um período de 1978 até junho de 2021, assim como a forma como a sexualidade de ambas e o seu relacionamento é explorado, que vai desde a momentos implícitos à declarações explícitas conforme a opinião social sobre a homossexualidade muda entre as décadas.

Palavras-chave: Representação Social. Mídias de Massa. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The work aims to analyze the representation of the LGBT group in comic books, specifically in the super-hero genre. To this end, comic books are acknowledged as a form of mass media, and its power in influencing the social representation of a group is discussed. A brief history of comic books is presented, and the influence of the organization Comics Code Authority is exposed. The paper highlights the impact that this organization had in the social representation of the LGBT group, during different versions of what was accepted by their guidelines, and the way in which the authors tried to adapt to the rules in regards to LGBT representation. Lastly, we analyze the narrative trajectory of two LGBT characters from the X-Men franchise, Mystique and Destiny, as the first couple in comic books to part ways with heteronormative patterns, being the first same-sex couple to adopt a young teenager. We examine how the narrative of the characters is developed, from a time period of 1978 to June of 2021, as well as how their sexuality and their relationship is explored, ranging from implicit moments to explicit declarations of love as a reflection of how the public opinion in regards to homosexuality changed through the decades.

Keywords: Social Representation. Mass Media. Comic Books.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cena do <i>Quarteto Fantástico</i> na era de prata	8
Figura 2 - O selo de aprovação da CCA, junto do livro que impulsionou a sua criação, <i>Seduction of the Innocent</i>	9
Figura 3- Semiose da midiatização.....	12
Figura 4 – Capa de <i>Captain America #1</i> , em 1941.....	16
Figura 5 –Mística aparece em sua verdadeira forma pela primeira vez, em <i>Ms. Marvel</i> 18.....	20
Figura 6- Mística e Sina em <i>Uncanny X-Men</i> 141.....	21
Figura 7- Continuação da história, em <i>Uncanny X-Men</i> n. 142.....	21
Figura 8- Vampira é introduzida em <i>Marvel Super Heroes</i> n.11.....	23
Figura 9- Mística revela o que sente por Vampira em <i>Marvel Super Heroes</i> n.11.....	23
Figura 10- Sina vê Mística em forma de estátua.....	24
Figura 11-Mística testemunha telepaticamente o momento da morte de Sina.....	25
Figura 12-Mística discute a morte de Sina com Forge.....	25
Figura 13-Sábia fala sobre Irene, Vampira e Raven.....	26
Figura 14-Sábia esclarece o que Raven representa para Irene.....	26
Figura 15- Mística, Xavier e Magneto discutem os termos da sua cooperação.....	27
Figura 16- Mística se irrita com Xavier e Magneto.....	28
Figura 17- Mística e uma jovem Sina declaram o seu amor.....	29
Figura 18- Artigo do jornal <i>The Guardian</i>	30

SUMÁRIO

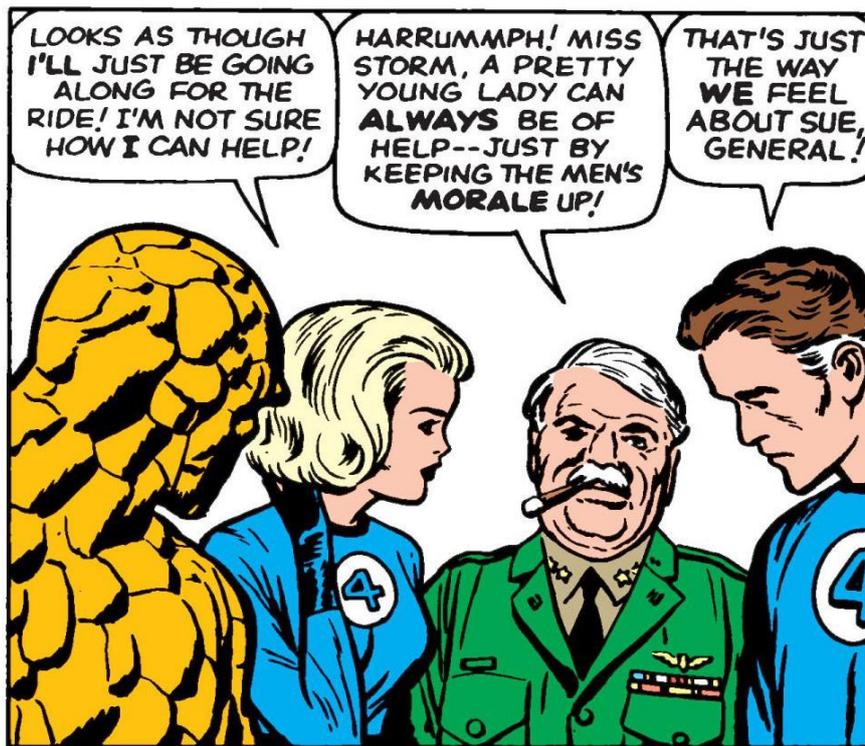
1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3 A CONEXÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	13
4 UMA BREVE TRAJETÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	15
5 ANÁLISE NARRATIVA: MISTÍCA E SINA.....	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos norte-americanas e os super-heróis fazem parte do imaginário coletivo e da cultura popular há algumas décadas. Além de encontrar uma demanda direta de mercado, através das adaptações cinematográficas, desenhos animados, jogos eletrônicos e outros tipos de mídia, as HQs conseguiram sobreviver como mídia diante de uma indústria do entretenimento cada vez mais diversificada. Entretanto, quando pensamos em HQs no formato em que as conhecemos atualmente, notamos que a sua origem é recente. É apenas no final do século XIX, atrelada às publicações de jornais, que os quadrinhos começam a tomar forma (COHEN, H.; KLAWA, L., 1977 apud CRUZ, 2017, p.21).

Como qualquer outro veículo de entretenimento e arte, as histórias em quadrinho não podem ser entendidas como neutras. Desde a sua origem até os momentos atuais, as HQs refletem diversos valores sociais e normativos sobre gênero, sexualidade e relações raciais. Elas refletem os valores que são socialmente aceitos na época, e é possível analisar como a evolução desses valores dentro dos quadrinhos acompanha a sociedade que o produziu. É fácil, por exemplo, perceber valores extremamente incompatíveis com a nossa sociedade contemporânea em uma leitura casual de quadrinhos da chamada era de prata (1956-1970). É totalmente inconcebível pensar em algumas cenas dessa época sendo reproduzidas no contexto atual (Figura 1), e, felizmente, podemos perceber um maior esforço das grandes editoras em caminhar para representações diversas e contemporâneas de grupos sociais anteriormente marginalizados em suas publicações- o que reflete o presente momento vivido onde testemunhamos a conquista de direitos por parte de minorias e o avanço em pautas progressivas, embora ambos estejam sendo constantemente ameaçados por movimentos de manutenção do *status-quo*.

Figura 1 – Cena do *Quarteto Fantástico* na era de prata.



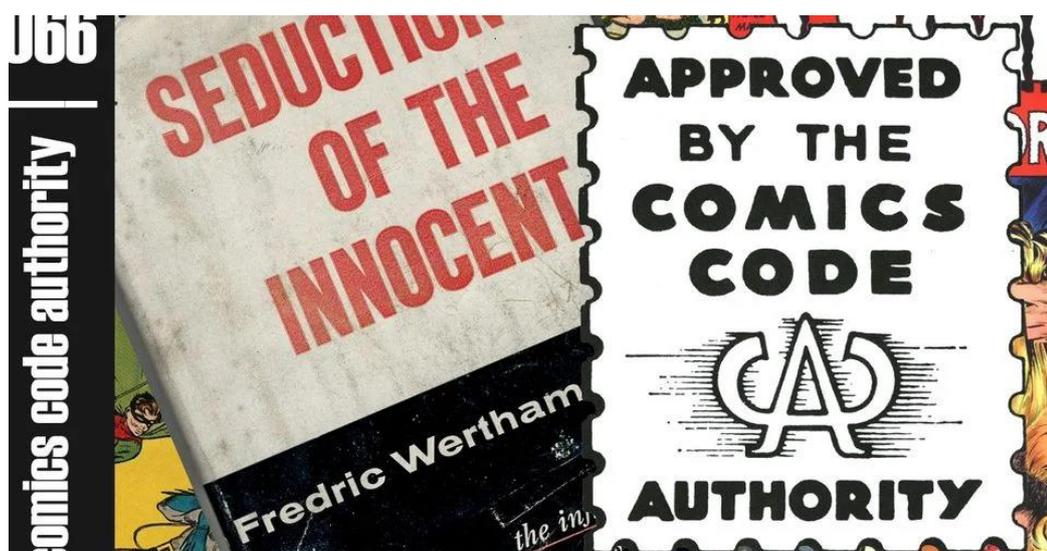
Fonte: LEE, S.KIRBY, J. *Fantastic Four*, n 12.Nova York: Marvel Comics, 1963, p.8.

Assim como em outras mídias de entretenimento, os quadrinhos tem um poder singular, através da sua linguagem verbal e visual, de construir e desconstruir sentidos que sejam lugar-comum na nossa sociedade. As representações trazidas nelas são de extrema importância, pois são elas que orientam comportamentos (MOSCOVICI,1978 apud CRUZ,2017, p.21).

No que diz respeito ao grupo LGBT, a representação social desse grupo ocorreu, por muitas décadas, através de um jogo de palavras e elementos visuais que fizessem alusão à sexualidade do personagem, sem que fosse possível fazer menções diretas ao assunto. Isso porque havia um código regulador, criado pelas próprias editoras, chamado *Comics Code Authority*(Ou CCA), que impedia que personagens LGBT fizessem parte das publicações. O *Comics Code Authority*(Figura 2),fundado em 1954, foi uma resposta antecipada das editoras à uma possibilidade de criação de um órgão governamental que regularia diretamente a publicação dos quadrinhos (CRUZ,2017, p. 61). Esse órgão seria fruto das discussões entre o governo dos estados unidos e o psiquiatra Frederick Wertham, que publicou o livro *Sedução dos Inocentes*, onde ele defendia que as histórias em quadrinho poderiam:

Levar os jovens incautos não só à delinquência e à violência, mas também a distúrbios sexuais. E não só às perturbações causadas nas mentes despreparadas pelas impudicas mulheres de nanquim, mas também à degeneração da homossexualidade. (CRUZ,2017, p. 56)

Figura 2 –O selo de aprovação da CCA, junto do livro que impulsionou a sua criação, *Seduction of the Innocent*.



Fonte: <https://www.cbr.com/comics-code-authority-crazy-rules-comic-book-superheroes/>.

Diante deste órgão que proibia qualquer representação de homossexualidade dentro dos quadrinhos, vários autores acharam formas de deixar implícitas as sexualidades de suas personagens. Se hoje podemos ter um número rico de personagens que são abertamente LGBT e conseguem ter a sua sexualidade como parte da sua narrativa (assim como os personagens heterossexuais), devemos lembrar das sementes que foram plantadas durante as décadas em que essa realidade não poderia ser aceita.

Sendo assim, este estudo pretende analisar de qual forma personagens LGBT são representados nas histórias em quadrinhos, em específico, dentro das histórias de super-heróis. Fazemos uma análise narrativa das personagens Mística e Sina que, juntamente a personagem Vampira, constituem uma das primeiras famílias não-tradicionais dos quadrinhos, para obter essa resposta. Para a análise, foram selecionadas 9 histórias em quadrinhos onde as personagens apareceram, de 1978 até junho de 2021.

Além disso, a pesquisa busca situar as histórias em quadrinho como mídia de massa, sendo responsáveis também pelas representações sociais de diversos grupos sociais, incluindo os LGBT, foco da pesquisa. Objetiva-se, também, analisar a trajetória das histórias em quadrinhos e a criação da *Comics Code Authority*, para analisar de que modo as representações homossexuais neste gênero foram afetadas.

O trabalho tem como base teórica a teoria da representação social proposta por Serge Moscovici e desenvolvida por outros autores. É através dessa teoria que a representação do grupo LGBT é analisada neste trabalho.

Este estudo mostra-se relevante ao contribuir com a discussão já iniciada por outros autores sobre o papel que as mídias de comunicação em massa, em específico as histórias em quadrinho, tem dentro do campo da representação, ao expor a enorme responsabilidade e poder que elas tem ao construir sentidos para as interações sociais.

Por fim, a pesquisa está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico que da base ao trabalho. O segundo capítulo discute a relação entre mídias, representações sociais e indivíduos. Já o terceiro capítulo faz um percurso das histórias em quadrinho, desde a sua origem até a criação do CCA. O quarto capítulo é uma análise narrativa, onde discorreremos sobre como duas personagens específicas, Mística e Sina, tiveram a sua sexualidade representada desde a sua criação até o ano de escrita do estudo. E, por último, o quinto capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa, encerrando o trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos as pesquisas que serviram de base para a elaboração deste trabalho. Todas tem por base a teoria de representação social proposta por Serge Moscovici , que foi expandida por outros pesquisadores.

Quando pensamos em representação, existem diversos conceitos que, embora possam confluir em vários pontos, tem diferenças nas suas abordagens. Um exemplo claro está na criação da teoria em si. O primeiro autor a falar sobre representações foi Émile Durkheim. Para ele, as representações coletivas (forma como o autor se referia ao que hoje chamamos de representações sociais) deveriam ser entendidas como fatos sociais e, portanto, seriam objetos de análise apenas da

sociologia. Moscovici discordava da limitação imposta por Durkheim, e, ao criar a teoria que conhecemos hoje em sua obra *A representação social da psicanálise* (1978), sempre foi contrário à uma definição exata das representações sociais, para “ possibilitar que elas fossem trabalhadas percorrendo diversos caminhos, tornando a teoria dinâmica e em constante processo de construção” (FAGUNDES, 2009, p.131).

Assim sendo, tomamos a teoria de Moscovici como base e buscamos também outros teóricos que deram as suas contribuições aos estudos das representações. Fagundes, por exemplo, nos dá um conceito que embora não definido, serve como um ótimo ponto de partida para a compreensão da teoria das representações sociais ao afirmar que:

As Representações Sociais se apresentam como a gama de todas as formas de conhecimento, ligado a imagens, conceitos, categorias e teorias, elaborados por indivíduos que pensam a partir do senso comum, “não sozinhos”, embutidos em processos de comunicação no cotidiano das relações sociais. Estes conhecimentos não se reduzem apenas aos elementos cognitivos, mas que, compartilhados, contribuem para a construção de uma realidade comum. Assim, as Representações Sociais constituem-se em um fenômeno social que têm de ser entendido a partir do seu contexto de produção, do interagir, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (FAGUNDES, 2006, não paginado).

Partindo desse conceito e seguindo por uma linha de estudo já proposta por Moscovici e aprofundada por outros autores, é possível estabelecer uma conexão clara entre as teorias sociais e os meios de comunicação. Ao falar sobre como as representações sociais estão se tornando cada vez mais presentes na sociedade, Moscovici declara:

E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. **Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais.** [...] existe uma necessidade contínua de reconstituir o senso comum, [...] nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais, baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas. (MOSCOVICI apud FAGUNDES, 2009, p.133. Grifo Nosso.)

De fato, os meios de comunicação em massa se tornaram cruciais para a difusão das representações sociais e, assim, do nosso senso comum. Morigi desenvolve essa ideia ao falar sobre o conceito de *midiatização*, que ele caracteriza como sendo um

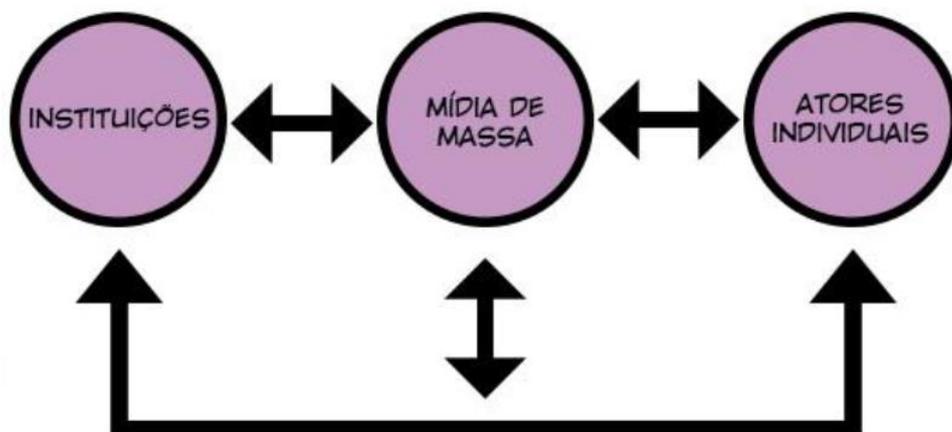
Fenômeno complexo *constituído* e *constitutivo* de um conjunto de interações sociais e discursivas. Ela representa a instância das relações sociais à medida que transforma a ordem da vida cotidiana, criando novos valores, novas formas de interação que constituem as práticas sociais, culturais e as formas de exercícios do poder. (MORIGI,2004, p.6)

Ele continua, afirmando que a midiatização é um posto avançado de observação e construção de sentidos. Ela atua como uma fala intermediária a várias outras na sociedade, mas possui poder de articulação e enquadramento das demais. A midiatização

As administra e fomenta a partir dos seus pressupostos ideológicos e culturais. Deste modo, evidencia-se o discurso midiático como sendo um produtor de sentidos a partir de outros discursos produzidos socialmente. Entretanto, sua força consiste no caráter persuasivo em dar visualidade aos acontecimentos e às interpretações, possibilitando o acesso relativamente plural às mensagens e à produção de sentido social (MORIGI,2004, p.7)

Cruz(2017) apresenta um modelo que representa a semiose da midiatização descrito por Morigi. Esse modelo nos ajuda a visualizar a relação mídia-instituição-sujeito de forma clara e resume, de forma sucinta, a discussão até agora.

Figura 3- Semiose da midiatização



Fonte: Cruz, 2017, p.40

A teoria da representação social sustenta a discussão feita nos capítulos 4 e 5 ao posicionar as histórias em quadrinhos como uma mídia de massa, com uma enorme responsabilidade nas representações que temos de diversos grupos. Discutiremos a importância da teoria, assim como os pontos mais relevantes dela para este trabalho, no próximo tópico.

3. A CONEXÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Discutir e estudar o tópico de representatividade é algo extremamente importante nos dias atuais. Apesar de ser um fenômeno social que está intrinsicamente ligado à comunicação e à linguagem e, portanto, não é de forma alguma novo, é possível notar que o tema não mais pertence apenas aos estudos acadêmicos, mas agora faz parte da sociedade como um todo. Discussões sobre representatividade estão na internet, na TV, nas histórias em quadrinhos, enfim, em diversas mídias, o que traz visibilidade ao assunto.

Dito isso, é válido lembrar que, embora estejamos agora presenciando essas discussões acontecerem pelos meios de comunicação, eles sempre tiveram (e continuarão a ter) um enorme poder no que diz respeito à construção das representações. Os meios de comunicação tem o poder de “ modelar mentes” (CASTELLS apud CRUZ,2017, p.24), e o fazem através do conteúdo que veiculam. Esse conteúdo, como é de se esperar, tem um reflexo nas relações entre os mais diversos grupos, sobretudo os LGBT, que é o foco desta pesquisa. Muitas vezes, as representações veiculadas ajudam a reforçar a discriminação contra esse grupo (CASTELLS apud CRUZ,2017, p.24), o que perpetua a subjugação que ele continua a sofrer.

O estudo dessas representações e o efeito na sociedade são estudados mais a fundo por diversos teóricos. Uma das contribuições para a teoria da representação social foi feita por Serge Moscovici na obra *Representação social da Psicanálise*(1978). Moscovici desenvolve em seus trabalhos uma importante consequência das representações sociais: a de tornar invisível um determinado grupo da sociedade. A falta de representações de um grupo já marginalizado, como é o caso do grupo em destaque nesta pesquisa, os LGBT, reforça ainda mais a

condição de invisibilidade social (CRUZ,2017, p.38). No caso específico dos quadrinhos, a invisibilidade LGBT era promovida de forma institucional, através do órgão *Comics Code Authority*. Trataremos mais sobre o assunto no próximo tópico.

Outra característica importante das representações segundo Moscovici é a de conferir sentido às interações sociais, ou estas seriam apenas trocas vazias de sentido (MOSCOVICI apud CRUZ, 2017, p.39). Por outro lado, as representações estão em constante mudança para refletir as frequentes mudanças sociais, o que significa, por exemplo, que negros, LGBT, mulheres, pessoas com deficiências e outros grupos minoritários tenham novas (e mais positivas, na nossa opinião) representações nos dias de hoje. Essas representações são coerentes com a mudança de sentido social de que esses grupos estão, aos poucos, tendo um maior protagonismo na sociedade. Portanto, ao mesmo tempo que as representações dão sentido ao mundo social, elas são constantemente influenciadas por ele, numa relação quase que mutualista da realidade.

Morigi(2004) faz referência ao trabalho de Moscovici ao falar sobre a relação entre as representações, o tecido social e os meios de comunicação. Segundo o autor, as representações sociais difundidas pelos meios de comunicação tornam-se realidades, e passam assim a integrar o perfil da opinião pública no que ele chama de *discurso da atualidade*, e entram para o que chamamos de senso comum. Ele ressalta a importância que os meios de comunicação de massa tem como componentes culturais: eles são os vetores através dos quais as representações sociais criam sentidos e realidades.

O poder das representações sociais, exposto nos parágrafos acima, torna clara a relevância dos estudos sobre o tema. É de extrema importância analisar quais representações sobre um grupo estamos sendo expostos, e de que forma essas representações afetam a nossa opinião (e a dos outros ao nosso redor) sobre esse grupo. É importante também entender o poder que os meios de comunicação de massa tem sobre a formação das nossas opiniões sobre a realidade social. São eles que "determinam nossas reações e as suas significações, são, assim, as de uma causa real". (MOSCOVICI apud CRUZ,2017, p.41). A relação direta entre mídia, representações sociais e discriminação é muito bem descrita por Cruz, ao afirmar que:

A superação dos preconceitos, quaisquer que sejam eles, passaria portanto diretamente pela mudança das representações sociais em nossa cultura. Dessa forma, ao propor novas representações, as mídias estimulam a evolução necessária dentro do senso comum para que as formas discriminatórias de julgamento sejam deixadas para trás. Novas representações significam novas reações, passado o choque do não familiar; representações que afirmem a familiaridade irão convencionar as reações futuras sob esse novo prisma. (CRUZ,2017, p. 41)

No próximo tópico, discutimos a formação de um desses meios de comunicação, as histórias em quadrinhos, e o órgão regulatório CCA, um dos grandes responsáveis pela invisibilidade LGBT dentro dessa mídia por décadas.

4. UMA BREVE TRAJETÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O uso de gravuras por parte da humanidade vem desde a pré-história. Os registros mostram que as imagens pré-históricas representavam animais selvagens que eram ameaças para a sobrevivência, assim como o universo que cercava o homem daquela época (Radhe, 2008, p.103). Desde então, percebemos que há uma predisposição e uma necessidade humana de produzir imagens, por diversos motivos. Radhe, citando Gaiarsa(1970), afirma que:

“Os acadêmicos . . . dizem que os desenhos famosos das cavernas pré-históricas – que foram a primeira história em quadrinhos que já se fez eram um ‘ensaio de controlar magicamente o mundo’ . . . Ora . . . estes desenhos controlavam . . . a realidade e eram mágicos –sem mais. (GAIARSA apud RADHE,2008, p.103)

Ao longo dos séculos, a arte de imagens sequenciais foi sendo desenvolvida e refinada, até que chegamos ao formato inicial do que chamamos de *comics* especificamente em 1889, na França, e em 1896 nos USA no modelo atual (RADHE,2008, p.105). Os quadrinhos eram publicados através das publicações jornalísticas e, portanto, devem ser entendidos como um produto “ típico da cultura de massa ou especificamente da cultura jornalística” (COHEN, H.; KLAWA, L, 1970 apud RADHE, 2008, p.105)

Por serem produzidas em massa, temos que compreender que as histórias em quadrinhos também fazem parte da cultura popular, e possuíam uma lógica de planejamento e marketing (TRAVASSOS,2019, p.33) voltadas para maximizar o consumo e o lucro. A indústria jornalística percebeu um interesse da sociedade pela representação imagística na época (RADHE, 2008, p.105). A leitura de periódicos

ilustrados estava extremamente em alta no momento. Radhe, citando Coma, diz que:

“Tudo confluía em atração diante do amplo conteúdo gráfico da imprensa; e, quando esta descobriu a cor e advertiu que o melhor emprego da mesma se conseguia a partir de desenhos... o primeiro passo para a origem das histórias em quadrinhos estava dado.” (COMA , 1979, apud RADHE, 2008,p.105)

O consumo em massa de uma novo modelo de linguagem criou “ outros significados, novos valores que possuíam intensa relação com a cultura da época” (RADHE,2008,p.105). Os quadrinhos foram responsáveis pela criação de sensações de “ profunda significação cultural e social” (RADHE,2008, p.105). Um dos exemplos notáveis é o uso dos quadrinhos como orgulho patriótico durante o período da 2ª guerra mundial, através de representações heroicas, incisivas e vitoriosas sobre os inimigos nazistas.

Figura 4 – Capa de *Captain America #1*, em 1941



Fonte: SIMON, J.KIRBY, J. *Captain America*, n 1.Nova York: Marvel Comics, 1941.

As histórias em quadrinho então encontraram o seu lugar no imaginário comum. As representações feitas por super-heróis, por exemplo, ainda hoje estão extremamente em alta, sobretudo através do cinema, outro meio de consumo em massa que se desenvolveu juntamente aos quadrinhos. Entretanto, em 1954, fortes críticas começaram a surgir contra as histórias em quadrinhos, impulsionadas pelo psiquiatra Fredric Wertham, autor do livro *A Sedução dos Inocentes*(1954).

Wertham afirmava que as histórias em quadrinhos eram nocivas ao desenvolvimento de crianças. O argumento dele era de que alguns personagens, como Batman e a Mulher Maravilha, estavam em um relacionamento homossexual com os personagens das suas narrativas (Robin, no caso do Batman, e as Amazonas em Themyscira, lar fictício da Mulher Maravilha), e essas histórias estimulavam “a delinquência juvenil, por abordarem temas impróprios e condenáveis, tais como crime, horror, sadomasoquismo e comportamento homossexual” (REBLIN,2014, p.19).

O livro causou uma preocupação entre as editoras de quadrinhos, que decidiram se juntar para criar um órgão regulatório, que ficaria responsável por fiscalizar as publicações e estabelecer normas diretas sobre o que de fato poderia ser publicado ou não. Esse órgão ficou conhecido como *Comics Code Authority*, que existiu entre 1954 a 2011, até ser abandonado de fato pelas editoras (REBLIN,2014, p.20). Durante toda a existência do CCA (*Comics Code Authority*), o tópico da homossexualidade estava presente no seu manual de regras para os quadrinhos (REBLIN,2014, p. 20) de forma implícita ou explícita. Vamos agora fazer um recorte de duas instâncias específicas onde essa temática foi abordada pela instituição.

O primeiro destaque é referente a reformulação em 1971, que acrescentou detalhes à primeira versão da CCA. Uma das seções do manual era intitulada “ Casamento e Sexo”, que dizia:

CASAMENTO E SEXO

1. O divórcio não deve ser tratado humoristicamente nem representado como desejável.
- 2.As relações sexuais ilícitas não devem ser retratadas e anormalidades sexuais são inaceitáveis.
3. Todas as situações que lidam com a unidade familiar devem ter como seu objetivo último a proteção da vida da criança e da família. De modo algum a quebra do código moral deve ser descrita como recompensadora.
4. O estupro nunca deve ser mostrado ou sugerido.
5. A sedução não pode ser mostrada.

6. A perversão sexual e qualquer inferência ao mesmo são estritamente proibidas (NYNBERG,1998 APUD REBLIN,2014, p.21)

Apesar de não falarem diretamente sobre a homossexualidade, como Wertham expôs e condenou abertamente em *Sedução dos inocentes*(1954), sabemos que as relações homossexuais estão incluídas tanto no tópico 2, como parte das relações ilícitas e anormalidades sexuais, quanto no tópico 6, como parte da perversão sexual. A representação homossexual em qualquer mídia era extremamente condenada durante os anos 70, e não seria diferente com os quadrinhos.

Vemos uma mudança de atitude na reformulação de 1989. O tópico dessa vez é abordado de forma mais direta, embora diluída entre algumas seções (REBLIN,2014, p.22). A versão de 1989 dizia:

INSTITUIÇÕES

Em geral, grupos nacionais, sociais, políticas, culturais, étnicos e raciais reconhecidos, instituições religiosas e autoridades responsáveis pela aplicação da lei **são retratados em um enfoque positivo**.

Isso inclui o governo nos níveis nacional, estadual e municipal, incluindo todos os seus inúmeros departamentos, agências e serviços; [...] representantes de outros grupos nacionais e governamentais; e grupos sociais identificáveis por seu estilo de vida, como os homossexuais, os desfavorecidos economicamente, os economicamente privilegiados, os sem teto, as pessoas idosas, os menores, etc. [...]

LINGUAGEM[...]

Referências a deficientes físicos, doentes, contextos étnicos, **preferências sexuais**, crenças religiosas e raça, **quando apresentados em sentido pejorativo para fins dramáticos, serão mostrados como inaceitáveis**. [...]

CARACTERIZAÇÕES

Representações de personagens são cuidadosamente trabalhados e mostrarão sensibilidade às orientações nacionais, étnicas, religiosas, **sexuais** e socioeconômicas. Se for dramaticamente apropriado para um personagem humilhar outro por causa do seu sexo, grupo étnico, religião, preferência sexual, orientação política, status socioeconômicos, ou deficiência, **as palavras ou ações humilhantes serão nitidamente mostradas como sendo erradas ou ignorantes no curso da história**.

(NYNBERG,1998 APUD REBLIN,2014, p.23, Grifos nossos.)

É notório o contraste entre as duas versões. Enquanto que na primeira reformulação o órgão ainda entendia a homossexualidade como algo “ anormal”, na segunda versão vemos um apoio claro a representações homossexuais, ainda que o assunto fosse um tabu na sociedade americana em 1989. É importantíssimo

ressaltar essa mudança de posição do órgão, porque se durante mais de três décadas a CCA era um dos grandes obstáculos para que as representações homossexuais nos quadrinhos fossem normalizadas, ele agora se posicionava como um aliado aos LGBT. Cabia agora aos autores dar visibilidade à um grupo que estava desesperado por ela, já que institucionalmente, agora eram permitidos.

Queremos destacar, entretanto, que embora o primeiro super-herói gay, Estrela Polar, só pôde afirmar a sua sexualidade diretamente em 1992, na histórica *Alpha Flight #106*(LOBDELL, S; PACELLA, M, 1992), já existia um esforço por parte dos autores das superaventuras de demonstrar, ainda que implicitamente, que essas personagens já existiam nas narrativas. Os autores tiveram diferentes níveis de sucesso em comunicar a sexualidade dos seus personagens dentro das suas histórias através do subtexto. Agora, vamos analisar a situação de duas personagens dos *X-Men* durante a sua publicação: Mística e Sina, que, com a filha adotiva delas, Vampira, formaram o primeiro exemplo de família não-tradicional dos quadrinhos.

5. ANÁLISE NARRATIVA- MÍSTICA E SINA

Mística e Sina (*Mystique* e *Destiny*, respectivamente, em inglês) formam um dos casais com uma das histórias mais trágicas quando o assunto é ter a sua sexualidade representada. Isso porque as personagens enfrentavam um impedimento dentro da sua própria narrativa, devido aos preconceitos da época em que se conheceram (em algum momento no início do século XX) e também o preconceito fora dos quadrinhos, no mundo real, de forma meta-textual. Vejamos agora uma trajetória das duas supervilãs mutantes.

Conhecemos primeiro Mística (cujo nome civil é Raven Darkholme) nas páginas de *Ms. Marvel*(1977). Ela é apresentada como uma antagonista (e de fato, retém esse status durante boa parte da sua publicação), tramando para destruir a heroína que dava nome à revista. Até então, as motivações reais da personagem para atacar *Ms. Marvel* não são totalmente reveladas, mas a revista serve para introduzir Mística, primariamente.

Figura 5 –Mística aparece em sua verdadeira forma pela primeira vez, em *Ms. Marvel* 18.

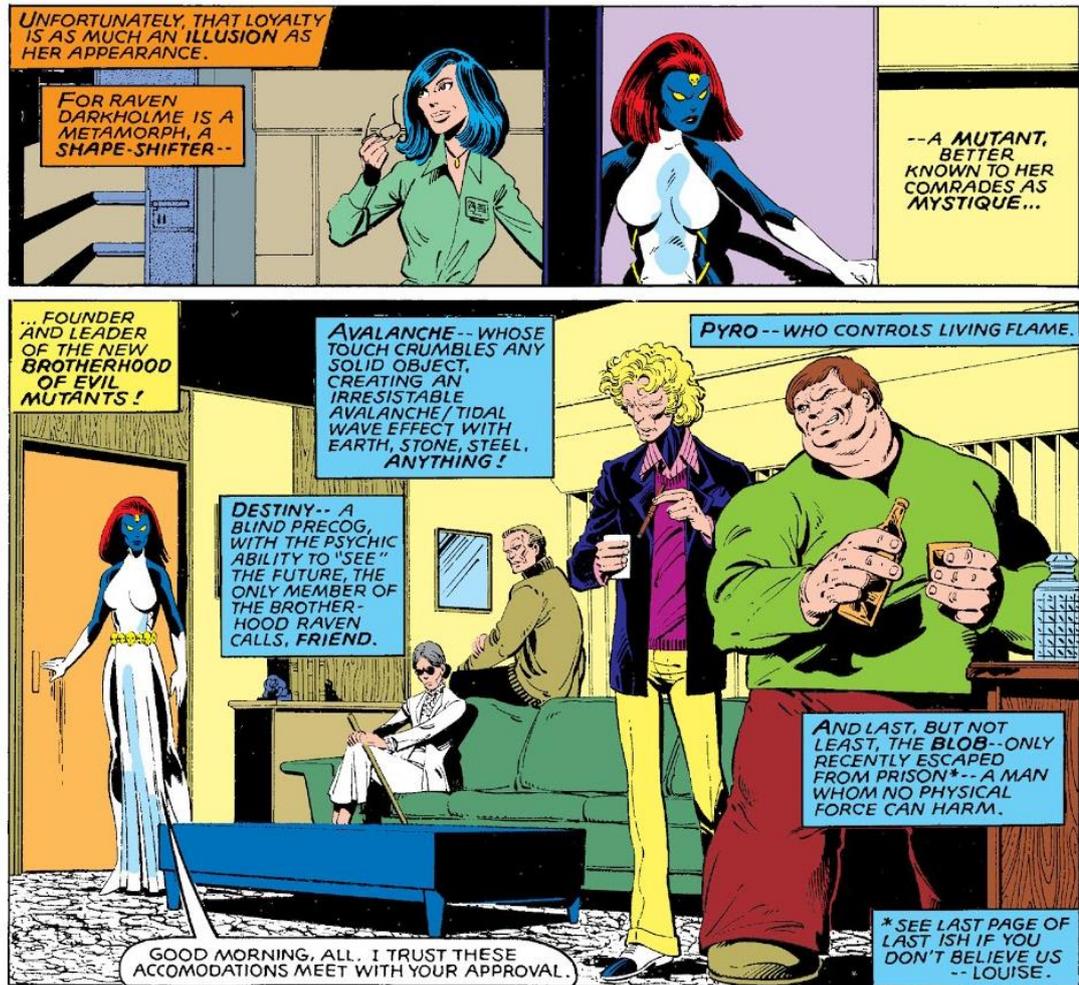


Fonte: CLAREMONT, C. MOONEY, J. *Miss Marvel*, n 18. Nova York: Marvel Comics, 1978, p.18.

Mística aparece mais algumas vezes durante o título, mas *Ms. Marvel* é cancelada pouco tempo depois da sua primeira aparição. Entretanto, uma das histórias planejadas para a revista é publicada em 1991. Nela, vemos o tal "plano" que Mística se refere acima. Retomaremos a essa história em breve.

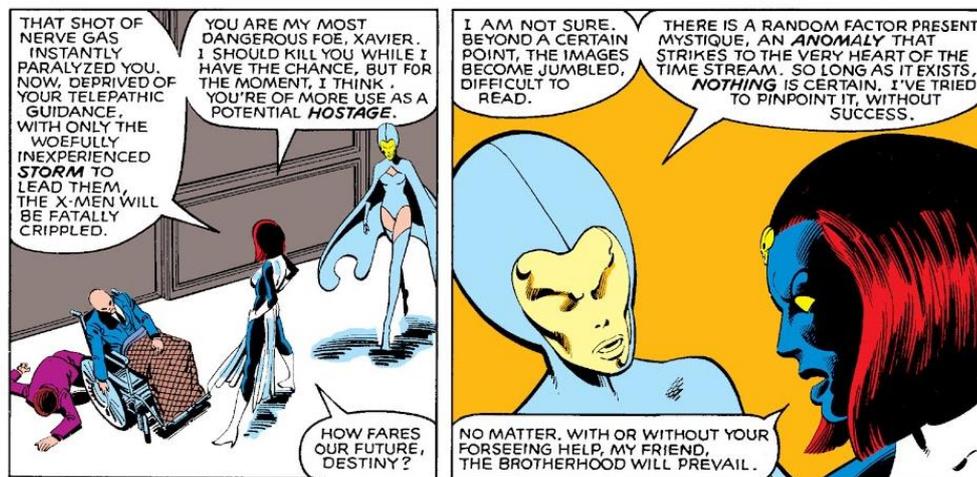
É apenas em 1980 que Sina (cujo nome é Irene Adler) faz sua primeira aparição, em *Uncanny X-Men* n.141, nas páginas da icônica história *Days of Future Past*. Vemos que Raven e Irene fazem parte de um grupo chamado *Brotherhood of Evil Mutants*. De destaque, chamamos atenção para a forma como Raven se refere a Irene: com a palavra *Friend* (Figuras 6 e 7).

Figura 6- Mística e Sina em *Uncanny X-Men* 141



Fonte: CLAREMONT,C.BYRNE,J. *Uncanny X-Men*, n 141.Nova York: Marvel Comics, 1981, p.19.

Figura 7- Continuação da história, em *Uncanny X-men* n. 142.



Fonte: CLAREMONT,C.BYRNE,J. *Uncanny X-Men*, n 142.Nova York: Marvel Comics, 1981, p.6.

Na verdade, as duas já eram um casal há décadas, mas, por conta da proibição da CCA, a única denominação que lhes era permitida era essa: *Amigas*.

O Co-criador das personagens, Chris Claremont, foi perguntado em uma entrevista se sempre teve a intenção de mostrar os X-Men como uma alegoria *queer*. Ele responde a pergunta da seguinte forma (tradução e grifo nossos):

A forma como eu estava estruturando tudo era com a tentativa de tornar as histórias simples e óbvias para os leitores mais novos, mas com camadas que se tornariam mais evidentes conforme eles ficassem mais velhos. **Eu sabia exatamente qual era o relacionamento entre Mística e Sina- sempre esteve lá, sempre foi parte do todo...** Era como escrever o relacionamento entre Misty Knight e Danny Rand. **Era algo que não havia sido feito antes.** (DAMORE, Meagan. *Chris Claremont & More Explore the LGBT Characters of the X-Men*. CBR, Disponível em: <https://www.cbr.com/nycc-chris-claremont-more-explore-the-lgbt-characters-of-the-x-men/> . Acessado em: 27. Jun. 2021)

Apesar das intenções claras do autor, elas ainda irão se referir como amigas durante alguns momentos da sua trajetória.

Voltemos a história de 1991, mencionada anteriormente. Essa história originalmente seria publicada nas páginas de *Ms. Marvel*(1977), mas, devido ao cancelamento do livro, é publicada em *Marvel Super Heroes*(1991) e introduz uma personagem fundamental à história do casal: a mutante Vampira (*Rogue*, em inglês). Durante a história, Sina revela que Vampira estaria em perigo enquanto *Ms. Marvel* vivesse. Mística, até este ponto, não tinha demonstrado afeto para ninguém (a exceção sendo Irene, ao chama-la de amiga e confiar em seu julgamento), então a forma como ela se refere a Vampira é surpreendente (Figura 9).

A verdadeira natureza da relação entre Vampira, Sina e Mística só é verdadeiramente revelada anos após essa publicação, mas foi aqui que temos o primeiro subtexto. Vale a pena notar que, a partir deste momento na nossa análise, a reformulação de 1989 da CCA, que já permitia a representação de homossexuais nos quadrinhos, estava em vigor. Os autores agora tinham mais liberdade de representar esse grupo, e veremos como os autores adaptaram a narrativa de Sina e Mística para atender essa nova mudança.

Figura 8- Vampira é introduzida em *Marvel Super Heroes* n.11



Fonte:CHRIOPROCES,T et al.. *Marvel Super Heroes*, n 11.Nova York: Marvel Comics, 1963, p.65.

Figura 9- Mística revela o que sente por Vampira em *Marvel Super Heroes* n.11



Fonte:CHRIOPROCES,T et al.. *Marvel Super Heroes*, n 11.Nova York: Marvel Comics, 1963, p.65.

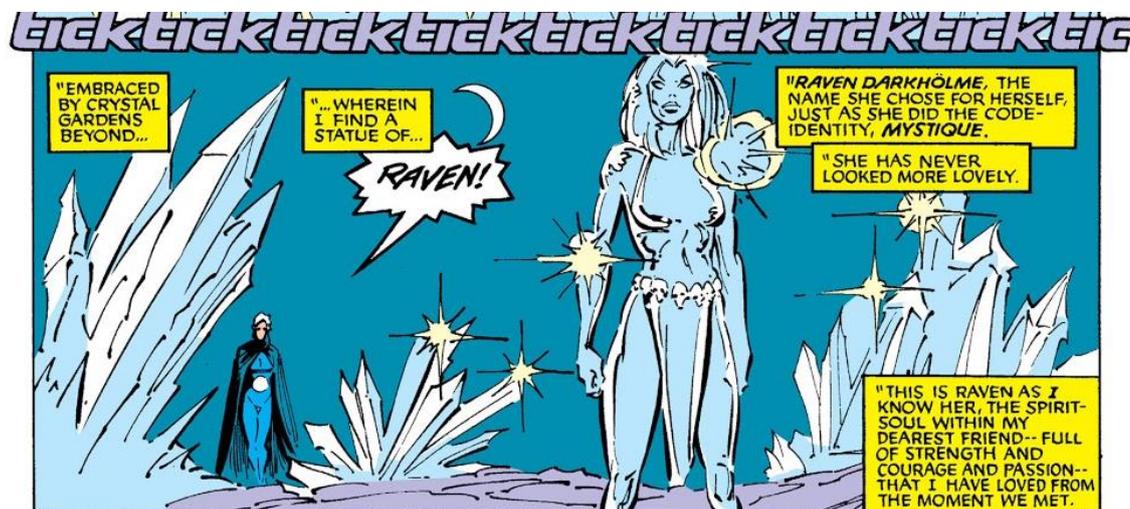
Em *Uncanny X-Men* n.254, vemos um avanço significativo na mudança de relacionamento entre as duas mutantes. Durante uma meditação, Sina vê, em seu espaço mental, as pessoas que conheceu em sua jornada. A primeira delas é Mística, e Irene a descreve de uma forma bastante reveladora (Figura 10)

Apesar de ainda termos “*Friends*” sendo usado para descrever o relacionamento entre as duas, a descrição já está sendo um pouco mais próxima da realidade delas.

Durante a história, Sina relata que sente a vida se esvaindo de todos, incluindo a vida dela. Vemos esse desdobramento acontecer imediatamente na

próxima edição do título, que representa um ponto marcante no relacionamento entre Raven e Irene.

Figura 10- Sina vê Mística em forma de estátua.



Fonte: CLAREMONT, C.SILVESTRI, M. Uncanny X-Men, n 254. Nova York: Marvel Comics, 1989, p.16.

Em *Uncanny X-Men* n.255, os X-Men estão sendo atacados em duas frentes: pelos vilões *Reavers*, um grupo de humanos que usa melhorias cibernéticas para combater e exterminar os mutantes, e pelo mutante Legião, filho do professor Xavier e que, neste ponto da sua história, era uma antagonista dos X-Men.

Raven e Irene agora comandam a *Freedom Force*, que era composta dos antigos membros da Irmandade de mutantes. Eles são chamados para ajudar os X-Men e, logo ao chegar no local da batalha, Sina e Mística tem que se separar. Mística pede ao X-Man Forge para cuidar de Irene enquanto ela está em batalha. Entretanto, Irene suplica para que Forge deixe-a, pois, se não o fizesse, Mística pagaria o "mais alto preço". Forge confia na habilidade mutante de Irene ao ver o futuro e a deixa desprotegida, o que tem resultados fatais (Figuras 11 e 12), porém já previstos por Sina na edição anterior.

Figura 11-Mística testemunha telepaticamente o momento da morte de Sina.



Fonte: CLAREMONT, C.SILVESTRI, M. Uncanny X-Men, n 255.Nova York: Marvel Comics, 1989, p.16.

Figura 12-Mística discute a morte de Sina com Forge.



Fonte: CLAREMONT, C.SILVESTRI, M. Uncanny X-Men, n 255.Nova York: Marvel Comics, 1989, p.20.

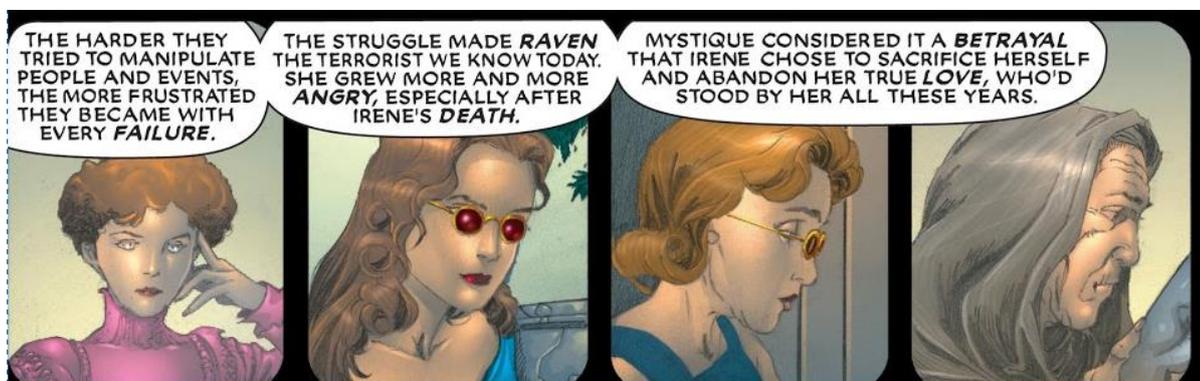
É em *X-Treme X-Men* que temos uma confirmação significativa em relação à Irene, Sina e Vampira. Sábida aproveita um momento para contar um pouco sobre a história das três mutantes (Figura 13), e finalmente temos o uso da expressão correta para descrever a relação entre Irene e Raven: "True Love" (Figura 14)

Figura 13-Sábida fala sobre Irene, Vampira e Raven.



Fonte: CLAREMONT, C.LARROCA, S. X-TREME X-MEN, n 1.Nova York: Marvel Comics, 2001, p.12.

Figura 14-Sábida esclarece o que Raven representa para Irene.



Fonte: CLAREMONT, C.LARROCA, S. X-TREME X-MEN, n 1.Nova York: Marvel Comics, 2001, p.14.

Temos agora a confirmação da primeira família não heteronormativa dos quadrinhos. Muito antes das discussões atuais sobre formatos de família diferentes dos padrões atuais, temos uma representação dela nos quadrinhos.

A partir da confirmação do relacionamento entre as duas, Mística se envolveu com vários outros parceiros, mas era sempre muito claro que ela estava usando-os para atingir seus objetivos. Sina permanece morta (e vale a pena ressaltar isso porque não é incomum que os personagens voltem a vida nas superaventuras), e Mística vem tentando desesperadamente revivê-la.

Na era atual, essa é a maior motivação de Raven. A história ainda está se desenvolvendo enquanto escrevemos esta análise, mas até então, Raven tem feito missões e contribuído para a formação da nação mutante, Krakoa. Charles Xavier e Magneto lhe prometeram trazer Irene de volta como recompensa, mas até então, são apenas palavras. (Figuras 15 e 16)

Figura 15- Mística, Xavier e Magneto discutem os termos da sua cooperação.



Figura 16- Mística se irrita com Xavier e Magneto.



Fonte: HICKMAN,J.BUFFAGNI,M. X-Men, n 16.Nova York: Marvel Comics, 2019, p.22.

Queremos ressaltar que esse é um dos pontos principais da trama atual. Mística(e Sina, que representa a motivação das suas ações) é uma personagem central da história, e veremos muito em breve até onde ela está disposta a ir por não ter Irene de volta.

Terminamos essa análise com uma linda história publicada na revista *Marvel Voices: Pride* n.1. É uma antologia que celebra todos os personagens LGBT da Marvel, e a história de Irene e Raven conta um pouco do passado das mutantes, a chantagem e o preconceito que elas sofriam pelo relacionamento delas e o amor entre as duas (Figura 17).

E essa história realmente serve como o fim de um ciclo. Se no início temos várias “mordças”, seja através da CCA ou do preconceito social, que impediam que as personagens claramente falassem sobre o amor entre elas tinham, hoje temos uma revista que celebra e eleva o relacionamento entre elas (e outras personagens LGBT). Que as próximas histórias em que Irene e Raven apareçam permitam que elas sejam quem realmente são, sem a necessidade de subtextos e eufemismos.

Figura 17- Mística e uma jovem Sina declaram o seu amor.



Fonte: HEINBERG, A et al. *Marvel's Voices: Pride*, n 1. Nova York: Marvel Comics, 2021, p.55.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou acrescentar à discussão sobre representatividade social LGBT dentro de uma meio de comunicação de massa. As histórias em quadrinho foram escolhidas pela influência, ainda que indireta, no imaginário e na opinião social. Os filmes de super-heróis, inspirados nas narrativas desenvolvidas nas histórias em quadrinhos, vem dominando a indústria cinematográfica desde 2010. Diferentes gerações interagem com o arquétipo dos super-humanos, ou, como diria Nietzsche, o *Übermensch*: Criaturas que superam os limites humanos e que são apresentadas como uma versão ideal do potencial humano.

Dentro das narrativas desses seres com poderes extraordinários, um dos elementos comuns é a ideia de figuras que sirvam como inspiração para nós, leitores. Os super-heróis são seres que tem que lidar com o conceito de moralidade

e responsabilidade constantemente, pois eles tem o poder de salvar e mudar o rumo da vida dos outros ao seu redor. É normal e esperado, por parte dos leitores, também querer se ver representado dentro desse universo fantástico. Diante de tantos heróis que incorporam valores como esperança, persistência, sabedoria e compaixão, é reconfortante olhar para um deles e encontrar características semelhantes as suas, e vê-los em papéis centrais dentro de uma narrativa. Ver os arcos narrativos e os desafios que esses personagens enfrentam pode inclusive nos ajudar a processar situações da nossa própria realidade, através de histórias que as vezes servem como espelhos pelos quais podemos nos ver.

Figura 18- Artigo do jornal *The Guardian*.

How Marvel's Iceman superhero urged me to come out

A writer finds commonality in reading the comic book series to reveal the scene that includes telepathy, ice walls - and a friend who knows the truth



▲ Iceman, the Marvel super hero, reveals that he is gay in this page from *Uncanny X-Men*. Photograph: Marvel Entertainment

Fonte: How Marvel's Iceman superhero urged me to come out. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/sep/09/marvel-iceman-superhero-urged-me-to-come-out> . Acesso em: 25 Jun. 2021

Ao mesmo tempo, discutimos anteriormente sobre o poder que as mídias de massa tem, através da representação, de mudar a percepção coletiva em relação a diversos grupos sociais. A forma como uma mídia decide representar um integrante de um grupo minoritário- ou a escolha de não representa-lo, que constitui um estado de invisibilidade social- influencia diretamente no imaginário popular. Por sua vez, as mídias são também influenciadas pelo imaginário coletivo: aquilo que é socialmente visto como “normal” ou aceito para os padrões de uma época tende a ser representado através das diversas plataformas sem muitos problemas, o que explica a relação quase que mutualística entre as mídias de massa e o imaginário coletivo.

Buscamos explorar essa relação na análise da trajetória das mutantes Mística e Sina. É possível perceber, nos quadrinhos mais antigos onde as duas aparecem, que os autores não podem diretamente falar sobre o relacionamento das duas, devido às imposições do *Comics Code Authority*, assim como a percepção social ainda negativa da homossexualidade. Já nos quadrinhos mais recentes, aqueles publicados a partir da década de 2000, os autores já tem maior liberdade para tratar do assunto abertamente, e assim o fazem.

Objetivamos então retratar a representação LGBT nas histórias de super-heróis através do recorte dessas duas personagens, mas como um objetivo secundário, queríamos expor e discutir a relação entre representação social e mídias de massa. É importante sempre estarmos atentos às formas como as mídias retratam grupos ainda marginalizados socialmente, pois elas nos informam sobre a maneira como aquela sociedade (ou partes da sociedade) pensa sobre esse grupo. A conquista por parte desses grupos de mais espaço, respeito e protagonismo social passa também pelas representações sociais que lhe são dadas (através da relação de influência mútua entre mídia e sociedade), então a abordagem desse tema se mostra particularmente relevante. Esperamos ter contribuído, através desse trabalho, para as discussões acerca do tema.

REFERÊNCIAS

DAMORE, Meagan. **Chris Claremont & More Explore the LGBT Characters of the X-Men**. CBR. Disponível em: <https://www.cbr.com/nycc-chris-claremont-more-explore-the-lgbt-characters-of-the-x-men/> . Acessado em:27.Jun.2021

How Marvel's Iceman superhero urged me to come out. *The Guardian*. Disponível em:<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/09/marvel-iceman-superhero-urged-me-to-come-out> . Acesso em: 25 Jun. 2021

10 Crazy Rules The Comics Code Authority Made Creators Follow. CBR. Estados Unidos. Disponível em: <https://www.cbr.com/comics-code-authority-crazy-rules-comic-book-superheroes/>. Acesso em: 29. Jan. 2021

RAHDE, M. B. (2008). **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Revista FAMECOS, 3(5). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2954>. Acesso em 22 Jun.2021

SILVA, Marcelo Travassos da. **Superman : entre quadrinhos, discurso e ideologia** . 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, 2019.

REBLIN, I.A. Homossexualidade e superaventura: uma questão de conquista ou de mercado? In: BRAGA JR., A.X(Org). **Questões de sexualidade nas histórias em quadrinhos**. Maceió: Edufal,2014

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes,2003

WERTHAM, F. **Seduction of the innocent**. Nova York: Rinehart & Company, 1954

MORIGI, V.J. **Teoria Social e comunicação: representações sociais, produção de sentido e construção dos imaginários midiáticos**. E-Compós,2004.

CRUZ, Dandara Palankof e. **A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas**. UFPB,2017.

Moscovici, S. (1978). **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar.

CLAREMONT, C. MOONEY, J. **Miss Marvel, nº 18**. Nova York: Marvel Comics, 1978, p.18

HEINBERG, A *et al.* **Marvel's Voices: Pride, nº 1**. Nova York: Marvel Comics, 2021, p.55

HICKMAN, J. BUFFAGNI, M. **X-Men, nº 16**. Nova York: Marvel Comics, 2019.

CLAREMONT, C. LARROCA, S. **X-TREME X-MEN, nº 1**. Nova York: Marvel Comics, 2001.

CLAREMONT, C. SILVESTRI, M. **Uncanny X-Men, nº 255**. Nova York: Marvel Comics, 1989.

CLAREMONT, C. SILVESTRI, M. **Uncanny X-Men, nº 254**. Nova York: Marvel Comics, 1989, p.16.

CHRIOPROCES, T *et al.* **Marvel Super Heroes, nº 11**. Nova York: Marvel Comics, 1963, p.65.

CLAREMONT, C. BYRNE, J. **Uncanny X-Men, nº 142**. Nova York: Marvel Comics, 1981, p.6.

CLAREMONT, C. BYRNE, J. **Uncanny X-Men, nº 141**. Nova York: Marvel Comics, 1981, p.19.